



O PRINCIPE SCHAMYL.

O DESTINO das nações circassianas, sitiadas pelos russos de todos os lados, é lutar sem descanso, ou morrer. A solidão em que vivem desenvolveu nos montanhezes tcherkeses uma decidida propensão para o illuminismo. Desde trinta annos principalmente a exaltação mystica tem-se apoderado d'aquelles espiritos contemplativos; tornando-se, sob a denominação de *sufismo*, um dos meios pelos quaes os chefes ateam o patriotismo de nações tão bellicosas. Pelo *sufismo* o sabio entra em communicação directa com Deus, e torna-se o propheta encarregado de velar pela sorte de seus irmãos. Pode imaginar-se o partido, que tirará de similhante religião o propheta guerreiro do Caucaso.

A theoria do extasis foi pela primeira vez ensinada no Caucaso, em 1823, por um certo Hadis-Ismail, que revelou os seus segredos a Mollah-Mahommed, o qual, antes de cair em poder dos russos, tinha escolhido successor na pessoa de Kasi-Mollah, nas mãos do qual entregára a espada abraçada de Allah.

Kasi-Mollah exigiu dos crentes uma obediencia absoluta, uma fé sem limites. Rodeavam-no sacer-

dotes-guerreiros, intitulados *muridas*, guardas supremos das revelações do extasis. Um dos principaes *muridas* de Kasi-Mollah era Schamyl.

Schamyl nasceu em 1797, na pequena aldêa circassiana de Himri. Distinguiu-se desde a mais tenra idade pelo seu amor á independencia e pelo seu porte severo; desprezando os folguedos e distracções dos seus companheiros, lia recolhido os versos do Korão, e meditava as palavras do propheta. D'uma compleição mui debil, arrostava comtudo as mais rudas fadigas, entregava-se a todos os exercicios do corpo, e não tinha senão uma ambição, a de sobressair a todos os seus iguaes. Se nas suas luctas com elles lhes ficava inferior, retirava-se triste e desesperado, como um vencido que lamenta a sua derrota. Um homem, que lhe foi sempre caro, o seu preceptor Dschelal-Eldin, filiado na seita dos sufis, excitava no seu discipulo o enthusiasmo religioso. Esta educação devia dar os esperados fructos.

Schamyl tornára-se o favorito do iman Kasi-Mollah, quando teve logar o terrivel combate de Himri. Perseguidos pelos russos, os tcherkeses, sob o commando de Kasi-Mollah, tinham-se encerrado

n'aquella fortaleza, que julgavam inexpugnável. O general Rosen, avançou, por meio de obstaculos de toda a especie, e sitiou a povoação fortificada dos circassianos. Por espaço de quatro dias e quatro noites, o forte foi batido pela artilharia. Erecto no meio dos seus muridas, Kasi-Mollah exhortava e animava os seus soldados, que caíam exangues ao seu lado. Depois de uma resistencia heroica, só restava aos circassianos morrer gloriosamente. Os russos acabaram de tomar, depois de vinte e cinco dias de combates, o ultimo fortim. Outenta muridas viviam ainda. Coberto de feridas, alagado em sangue, Kasi-Mollah, prestes a entregar a alma ao Deus dos exercitos, ajoelhára invocando Allah, e excitando ainda os restos das suas hostes. Todos os muridas pereceram com excepção de um só, que ferido de duas balas, atravessado com uma bayoneta, havia de erguer-se d'entre os mortos para ser o mais implacavel inimigo da Russia. Este murida, dado por morto na fortaleza de Himri, era o discipulo predilecto do mestre, era Schamyl.

Como havia conseguido escapar o joven murida? Nunca se soube. Mas quando este homem, que se julgava morto pelos russos, reapareceu entre os tcherkeses, o espanto, e a admiração foram geraes. Desde então os seus compatriotas consideraram-no como o enviado de Deus, tornando-se o primeiro dos muridas junto do successor de Kasi-Mollah, junto do novo iman Hamsad-Beg.

Uma outra circumstancia milagrosa tornou-o singular entre os seus compatriotas, ainda antes de ser o chefe dos guerreiros do Caucaso. Hamsad-Beg, sitiado na fortaleza de Chumsach, pereceu com todos os seus muridas, á excepção de Schamyl, que ponde salvar-se! Schamyl tinha trinta annos quando foi nomeado iman dos circassianos em substituição de Hamsad-Beg.

O czar acabava de enviar ao exercito do Caucaso o general Grabbe, com ordem de perseguir, onde quer que o encontrasse, Schamyl, cuja influencia e audacia augmentavam de dia para dia. O general russo resolveu atacar o leão no seu antro, e dirigir-se logo á fortaleza de Akulcho, onde Schamyl fixara a sua residencia. As tropas russas puzeram-se em movimento. Durante quatro mezes o forte foi batido pela artilharia dos moscovitas, que perderam n'este sitio um grande numero de soldados; no primeiro assalto, de mil e quinhentos, que tentaram o assalto, apenas sobreviriam cem! Comtudo, depois de esforços desesperados, o general Grabbe apoderou-se da fortaleza; mas então foi uma carnificina, e não um combate. Os russos eram na proporção de trinta contra um; assassinaram quanto se lhes deparou; velhos, mulheres, creanças, tudo foi passado á bayoneta. Quando não restava um só vivente, buscaram cuidadosamente n'aquelle montão de cadaveres o corpo de Schamyl, mas não o encontraram. Schamyl escapára ali, como, precedentemente, ás carnicerias de Himri e da praça forte de Chumsach.

Eis-aqui de que maneira: Havia nos seios da montanha subterraneos onde se tinham escondido alguns muridas, e entre estes Schamyl. Não era facil d'ali sair, porque todas as avenidas estavam em poder dos russos. Que fizeram os fieis muridas do propheta? Sacrificaram a propria vida para salvarem a d'elle. Com troncos de arvores, e taboas velhas, que encontraram nos subterraneos, armam uma jancada, a qual lançam no rio, que serpeava á sopé do rochedo, e depois mettem-se na embarcação fluctuante. Os russos avistam a jangada; um grande brado se ouve: É Schamyl. Immediatamente expedem-se ordens

aos cossacos, para seguirem a jangada de cada lado do rio. Aquelles fazem mais; mettem os seus cavallos ao rio, e em breve alcançam os muridas, que assassinam todos. Schamyl phecêra? não! estava salvo! Em quanto a attenção dos russos era distrahida pela jangada, um homem se arrojava ao rio, e atravessando-o a nado, se embrenhava nas montanhas. Julgue-se do effeito que produziria a apparição do propheta no meio das populações, que o viam escapar pela terceira vez ao ferro e ao fogo do inimigo! A derrota de Schamyl valia-lhe a elle mais que uma assignalada victoria, porque o apontava a todas as tribus como o verdadeiro enviado de Deus, como o homem invulneravel, que podia zombar do odio e dos canhões dos russos.

Após a tomada de Alkucho, Schamyl retira-se para Dargo, e ali espera os russos, que ebrios do primeiro triumpho, necessariamente haviam de querer proseguir n'elle.

Dargo está situada entre rochedos escarpados, no cume de uma montanha, para a qual só ha veredas tortuosas, por entre immensas florestas. Schamyl, resolvido a tirar uma espantosa desforra, deu ordem aos circassianos para que não disparassem um só tiro em quanto a columna expedicionaria do general Grabbe fosse marchando; depois, quando todo o exercito russo estava completamente mettido n'aquella estreita garganta sem saída, o iman arroja os seus montanhezes, que se precipitam de todos os lados como um furacão. O corpo expedicionario, cerrado pela frente e pela retaguarda, batido nos flancos por inimigos invisiveis, que o esmagam sob o pezo de enormes penedos, é quasi inteiramente aniquilado. Foi uma carniceria sem exemplo. O desastre dos russos em Dargo foi um dos mais terriveis, que têm experimentado até hoje no Caucaso. O general Grabbe contava de tal sorte com a victoria, que tinha mandado fazer certos preparativos em Girseland para se festejar o regresso do seu exercito; e voltava fugitivo com alguns poucos cossacos, que tinham escapado á matança. O autocrata concedêra a este general a permissão de perseguir Schamyl em Dargo, mas debaixo da condição de voltar victorioso. Vencido incorreu no desagrado do imperador, e perdeu o commando, que foi confiado ao general Gurko.

Este, mais prudente, renunciou a tentativas aventurosas, e fortificou-se em todos os pontos. Mas Schamyl não quer dar ao inimigo tempo de esquecer a sua ultima derrota; corre ao paiz dos Awares, aliados da Russia, cerca a guarnição russa, aperta-a pela fome, e obriga-a a entregar-se á discricção. Tropas eram enviadas em soccorro da guarnição cercada; prevenido, Schamyl espera-as em um desfiladeiro e as trucidada. Nem um soldado russo ponde escapar.

Advertido d'estes desastres o czar reforça o seu exercito. O general Kluge de Klugenau, mandado á Avaria, avança com forças tres vezes superiores. Schamyl poupa-lhe metade da marcha, e offerece-lhe batalha; a victoria nem um momento esteve indecisa. O general russo, desbaratado, apenas teve occasião de reunir os despojos do seu exercito, e de fugir. Schamyl vda em sua perseguição, destroça-o de novo, e obriga-o a encerrar-se na fortaleza de Chumsach. Eis-aqui um exercito russo, encarregado de se apoderar de Schamyl, sitiado por este. O propheta estava proximo a assenhorear-se da praça, quando o general Dolgorouki chegou com tropas de refresco. Schamyl, que pelejava havia tres mezes sem descanso, não recusa a batalha. Os seus soldados caem sobre o inimigo, fazem-no recuar, e estão prestes a ganhar a victoria... mas atacados pela retaguarda

por novas tropas, são obrigados a voltar a frente e a combater com dous exercitos. Schamyl obrou prodigios. Vendo-se porém encerrado em um circulo de ferro e de fogo, precipita-se á frente dos seus contra um quadrado russo, envolve-o, e atravessa-o. O exercito do general Klugenau estava livre, mas os russos tinham experimentado perdas enormes. Schamyl contramarcha, assola a Awaria, e leva muitos habitantes como prizioneiros. Algumas semanas depois voltou, sitiando arrojadamente a fortaleza de Vnezapné, defendida pelos dous generaes Gluke e Dolgorouki. Schamyl tem pois bloqueados os restos dos dous exercitos, que foram successivamente enviados contra elle, e a Russia é obrigada a organizar terceiro, para libertar os dous primeiros.

O quadro d'este artigo não nos permite proseguir na biographia do heroe circassiano. Citamos apenas os principaes factos da sua existencia aventureira. Basta-nos dizer que Schamyl é tão grande legislador como guerreiro. A lucta que este homem extraordinario sustenta, guardando ha dezoito annos as portas da Asia, á frente de um punhado de valentes, contra um immenso imperio, vae recommençar em condições mais favoraveis para os circassianos. Se os turcos levarem a guerra á Georgia, os montanhezes do Caucaso hão de n'ella desempenhar um importante papel.

Schamyl é de mediana estatura, os cabellos são arriuvados; os seus olhos, de sobranceiras negras e farras, parece chammejarem; a barba é quasi branca. Apesar da actividade que desenvolve, é de uma sobriedade exemplar; come pouco, bebe sómente agua, e dorme apenas algumas horas. Querendo pintar a sua eloquencia e a sua magestade, um poeta do Daghestan, Bersek-Beg, disse, que elle tinha raios nos olhos e flores nos labios.

ED. TEXIER.

OS FUTUROS PINTORES DO PORTO.

É preciso confessar que ás tendencias do genio artistico dos portuguezes nunca penderam excessivamente para a pintura. Os patronos escacearam sempre, e sempre escacearam os artistas. Temos alguns nomes grandes entre os dos nossos pintores, mas não temos escolas proprias como a Italia, os Paizes baixos, a Hespanha, a França e Allemanha. O impulso que ha dezoito annos se tentou dar ás artes de desenho não teve resultados correspondentes ao intento, e o governo cansou em breve nos esforços que fizera. Entretanto, apesar da falta de favor do poder, e da pouco animadora perspectiva do futuro, as vocações verdadeiras, vencendo as difficuldades materiaes e moraes que se oppõem á sua manifestação, confiadas em si, confiadas, talvez, em que os progressos da civilisação tragam a Portugal o amor das artes, lançam-se ao estadio, e vão dedicar-se fora da patria a estudos longos e severos, dando-nos gratas esperanças de que as tradições dos Hollandas, dos Coelhos, dos Vascos Fernandes, dos Vieiras e Sequeiras não perecerão de todo.

Entre os mancebos que por dedicação á pintura arrostam com as incertezas da sua sorte futura, só o Porto offerece quatro audazes luctadores. Mas a honra dos seus nobres esforços não lhes pertence a elles tão sómente. Mais felizes que outros talentos ignorados, que porventura os precederam, dous jovens pintores acharam na generosidade dos seus compatricios os meios de manifestar a tendencia natural do seu bello talento, e outros dous foram encontra-los na munificencia de um rei artista como elles, e que

por consequencia estava habilitado para os comprehender, para adivinhar nas suas primeiras tentativas os distinctos artistas futuros.

Os dous irmãos Corrêas (João e Guilherme) mostraram desde os primeiros annos da juventude as suas tendencias para a pintura. O primeiro era assiduo no estudo e desenhava com muita graça: fazia retratos menos maus, tanto a lapis como a oleo. e na igreja matriz de Vallongo ha varios quadros seus, um Christo crucificado, uma custodia cercada de anjos, e um esboceto para uma tribuna representando a adoração dos pastores, quadro de bom effeito, mas cujas figuras são, segundo dizem, furçadas. Além d'esses ha d'elle dous quadros de genero, ou de natureza morta, que possui o padre Villaça, principal protector do joven artista. Estes quadros são as suas melhores obras. Uma subscripção feita por varios cavalheiros do Porto habilitou-o para ir estudar a Paris, aonde se dirigiu nos fins de 1848. D'ali em diversas epochas remetteu para o Porto varios quadros consistindo em copias dos bons auctores. Da primeira vez as do Jupiter e Antiope do Corregio, do retrato de Rembrandt e do de mademoiselle Mayer por Prudhon; de duas cabeças do quadro de Thomiris de Rubens, e da cabeça de Cyro do mesmo quadro. Na segunda remessa vieram as copias de uma cabeça de Christo do Guido, de um meio corpo da Conceição de Murillo, e de um chamado retrato de Raphael. Esta segunda remessa não mereceu grandes gabos; mas o artista reconquistou a sua reputação com a terceira, que constava das copias do quadro de Thomiris de Rubens, da figura de Angelica n'um quadro de mr. Ingres, e de um grupo de meninos de um quadro de Rubens, além de seis academias a lapis; que foram geralmente consideradas como um bello documento dos progressos do artista. A sua ultima obra, o quadro para a tribuna da igreja de S. Ildefonso, representando o santo em extasi, pareceu-nos correcto e de bello effeito, posto que não seja obra de admiração.

O outro irmão Corrêa (Guilherme) tinha-se tambem dedicado á pintura, e distinguia-se por algumas copias a oleo, e por alguns retratos a lapis. Primorosos trabalhos seus haviam sido as lithographias do retrato do fallecido bispo do Porto D. Jeronymo, quadro a oleo de Roquemont, e a Santa Margarida de Cortona de Vieira portuense. Segundo a opinião de pessoas competentes era menos applicado que seu irmão; mas suppria esse defeito com a superioridade do talento. Por via igualmente de uma subscripção obteve em 1851 os meios de ir estudar a Paris. D'ali, como provas da sua applicação, tem remettido seis academias a lapis, uma cabeça maior que o natural, e a Leda de Miguel Angelo, além de tres copias a oleo da parte inferior do quadro de Christo entre os ladrões de Paulo Veronese, de um grupo de uma paisagem de Rubens, e de uma cabeça do quadro dos Argelinos de Eugenio Delacroix. Estas tres copias estiveram expostas ha tempo no museu portuense.

Os outros dous artistas foram mais felizes, porque obtiveram protecção mais alta e mais ampla. Na sua visita ao Porto el-rei o senhor D. Fernando pode apreciar o talento do joven Francisco José de Resende, e com o amor da arte e a benevolencia que o caracterisam estendeu-lhe a mão valedora. Concedeu-lhe uma pensão sufficiente para seguir os seus estudos na capital da França. N'uma perigosa doença, que o accommetteu em Paris, nos seus desejos de voltar á patria, e nos de regressar de novo á França para proseguir a encetada carreira, o artista achou sempre prompta a vontade e

benevolo animo do principa para occorrer a todos os gastos. Se o paiz tiver no sr. Resende, como é de esperar, um grande pintor deve agradecel-o ao regente. Em Portugal, o sr. Resende era considerado como inferior em desenho aos srs. Corrêas, mas mostrava uma decisiva vocação para a pintura e maiores tendencias para a originalidade. Ha d'elle bons retratos, e quatro quadros, que param em poder de el-rei o senhor D. Fernando. O ainda curto periodo da sua residencia em Paris, e a interrupção da doença não lhe tem permittido occupar-se com obras numerosas, e apenas se conhecem d'elle remetidas para Portugal duas academias desenhadas no estudo de mr. Ivon. Roquemont tinha em subido apreço o seu talento, e dizia que elle havia de dar que fazer algum dia aos seus competidores.

Resolvido a partir para Paris o sr. Resende declarou ao real protector que lhe custava a separar-se de um companheiro de estudos, o sr. Francisco Pinto da Costa. Bastou isto para tambem se abrir a favor d'este a mão generosa de el-rei. Era estudante soffrivel, e a sua melhor obra o retrato de um pobre, quadro que cremos estar em poder do senhor D. Fernando. Como o sr. Resende, elle tem estudado sob a direcção de mr. Ivon e dos discipulos d'este. Foi o unico admittido á academia das bellas artes de Paris. Já mandou para Portugal onze academias desenhadas a lapis, e um esboceto, a Victoria e a Fama, tirado de um quadro de Rubens. Segundo a opinião mais segura não chega em talento ao sr. Resende, mas compensa essa inferioridade com uma applicação assidua.

* * *



ANTIGUIDADES SCANDINAVAS.

As pedras runicas, monumentos peculiares aos povos septentrionaes, são pedaços de granito de formas e dimensões differentes, sobre os quaes se encontram gravadas inscripções em antigas letras scandinavas. Estas inscripções, dispostas em sentidos diversos, são algumas vezes rodeadas de ornamentos, de figuras extravagantes, de serpentes enlaçadas formando arabescos. Os monumentos runicos eram de ordinario consagrados á memoria dos mortos. Encontram-se porém alguns que significam confirmação de direitos, demarcação de limites, e outras cousas de interesse publico.

Os runas escreviam-se não só em pedra, mas tambem em madeira, em metaes, e mesmo em pergaminho: eram muitas vezes empregados como signaes para indicarem as estações, os dias de festa etc.; durante certo tempo attribuiram se-lhes até virtu-

des sobrenaturaes. Suppõe-se que foram introduzidos no norte por Sigge-Odin. Os sabios discordam sobre a sua origem e antiguidade. O que parece mais verosimil é que os scandinavos, alguns seculos antes que o christianismo lhes fizesse adoptar os caracteres romanos, usassem um methodo de escripta proprio, conhecido tambem de outros povos visinhos. Os missionarios christãos, que viam nos runas vestigios do paganismo, e lhes attribuiam as difficuldades do estabelecimento do christianismo no norte, destruíram muitas obras preciosas escriptas em caracteres d'este genero. As mais antigas inscripções conhecidas não remontam além do outavo seculo. Estes monumentos preciosissimos para a historia dos povos primitivos, foram por muito tempo tão mysteriosos como os hieroglyphos do Egypto. Foi Bureus que, em 1598, primeiro os descobriu e deciphrou.

O numero total dos diversos monumentos runicos em pedra, madeira e metal, conhecidos até ao presente, ascende a tres mil. Dos tres estados scandinavos a Suecia é o que possui maior quantidade.

A pedra runica, que reproduzimos n'este numero, foi encontrada na provincia de Upland; tem cerca de seis pés de elevação. A inscripção declara, que aquelles que mandaram esculpir esta memoria a consagraram aos manes de seus irmãos e de seu pae.

A FAMILIA DO SENHOR CAPITÃO-MÓR.

QUADROS DA VIDA DE PROVINCIA.

V.

Como os leitores já sabem, o velho major nunca tinha ouvido zunir as balas. Tendo sentado praça em 1798, presenceára a invasão do Junot, e a retirada do duque de Wellington, commandando um deposito de recrutas em Peniche, e depois na Ericeira. Patricio e amigo de infancia do capitão-mór, quinhoára com elle em Lisboa o innocente goso das illuminações, dos arcos triumphaes, e de todos os patrioticos regosijos, que se seguiram á feliz restauração do reino. N'esta lida affanosa, em que o fogo era todo de vistas, distinguu-se o major com o maior sangue frio e valentia. Apresentado aos ministros pelo seu amigo capitão-mór, valêra-lhe isso a nomeação de tenente-ajudante de um regimento de milicias, organizado depois de findar a guerra. Seis annos desempenhou elle este difficil encargo. Ao cabo d'elles, alcançou que o nomeassem capitão para uma das provincias do ultramar; n'isto os acontecimentos do continente impediram o nosso heroe de seguir viagem para o seu destino. No ante-goso das proprias façanhas, entretinha-se ideando á larga o methodo de reduzir os indigenas á pratica de uma sã moral e de uma religião verdadeira. Encanecido nas luctas sempre ideaes, e nunca levadas a cabo, que tinham sido o sonho dourado de sua mocidade, conseguíra por antiguidade a patente de major reformado, com que por certo havia de descer á cova. Perguntará agora o leitor, como poude um character tão inoffensivo, ser complicado em todas as revoltas por que o paiz tinha passado, a ponto de ter sido desligado duas vezes, e amnistiado outras tantas? Timido por character, mas fallador impertinente e incansavel, pagára sempre, pela bravura da lingua, a covardia do coração. Retirado do serviço ha mais de quatorze annos, dava prelecções de tactica nos serões de inverno, e

discutia altas questões estrategicas com o governador civil do districto, que o ouvia por desconto dos seus peccados. O major era viuvo. Tendo casado em Lisboa em 1816, enviuvára em 1825, de uma senhora que casára com elle por distracção, e para fazer uma revindicta de mulher a um gordo e rico mercieiro da baixa, que a requestára por cinco annos, sem nunca lhe dar o sim. O major contrahira o matrimonio por substituição. As batalhas a que se não arriscára no campo, eram dadas todos os outros dias de escada acima. N'um eterno dize tu, direi eu, com a sua cara metade, nem assim o major levava a melhor na lucta. Diziam os visinhos, que mais de uma vez se fallára em casa em desquite, e que n'estas occasiões solemnes a mulher mandava ajustar almocreve para voltar para os seus parentes; e que o marido fardado completamente, e valente por excepção, se offerencia ao governo, em officio que nunca remetia, para perseguir os contrabandistas que infestavam a provincia. Por felicidade dos contrabandistas as pazes faziam-se no dia seguinte por intervenção da senhora morgada; e os dous espc os, em epistolas dignas de Heloisa e Abailard, recapitulavam os seus amores de ha trinta e dous annos a traz. A morte, que tudo acaba, poz termo ás periodicas sabatinas de injurias com que os dous conjuges se mimoseavam um ao outro. Segundo todas as probabilidades, o major não deitou nem lagrima; e d'ahi por diante entregou-se com o maior affinco á sciencia dos Cesares e dos Alexandres, em que se tinha por um bom pratico, e um melhor theorico ainda. N'aquella noute fui eu a victima das recordações militares do velho major. Um juizo historico sobre a batalha de Wagram, foi o remate da dissertação, que eu já ouvia de olhos fechados, e bocejando a miudo.

Finalmente pude conseguir ficar só, e conciliar o somno até ao outro dia pela manhã. Eram nove horas, pouco mais ou menos, quando a senhora Geneveva me veio chamar para o almoço. A morgada e as duas filhas esperavam por mim. Toda a familia estava triste e pensativa; a mãe por se não poder conformar com a idéa das viagens intentadas pelo filho; e as filhas para fazerem a côrte á senhora morgada, que passára parte da noute no seu oratorio, rezando umas rezas de sua devoção especial á Senhora da Purificação, para que lhe desse ao herdeiro o sisudo e maduro pensar, que tanto distinguira em vida o senhor capitão-mór.

Atrevi-me a entrar n'aquella dôr de familia, lastimando por meu turno, não as viagens, mas a dolorosa impressão que a senhora morgada experimentava com semelhante idéa. Não obstante o appetite era grande, e vi-me obrigado a desmentir na pratica as minhas mais bellas theorias de sentimentalismo forçado.

Acabado o almoço, a senhora morgada convidou-me para ir ver o seu palacio. Annuí ao convite, e a minha amavel cicerone começou por me levar á sala reservada, aonde, como n'uma especie de museu, se viam pendurados das paredes os retratos de todos os illustres ascendentes da familia do senhor capitão-mór. No tópo da sala, e como por deferencia, via-se o retrato de um venerabilissimo bispo, irmão do terceiro avô paterno da senhora morgada. Na extremidade fronteira, via-se o gordo vulto de um cavalleiro de Malta, homem que passára na provincia como o maior apreciador dos vinhos do Douro, e o mais acceito interlocutor dos parlatorios dos conventos. Um crescido numero de magistrados judiciaes, e tres marechaes de campo, cujas physionomias episcopaes mais denotavam os aromas da alfa-

zema, do que o perfume da polvora, compunham pela parte masculina os quatro costados historicos da antiquissima familia do senhor capitão-mór. Uma ama de leite do senhor infante D.*** e uma ascetica abbadeça de um convento de carmelitas descalças, representavam pelo lado feminino a proverbial nobreza da casa, que um pintor de raça atravessada juntára á familia como complemento nada equivoco de que nem o sexo tinha podido affrouxar as grandiosas aspirações d'aquella fidalguia quasi homérica.

Ao chegarmos defronte de um grande quadro que representava um frade em oração, as lagrimas rebeberam dos olhos á senhora morgada. Era um santo, segundo ella me affirmou, e eu piamente acredito.

Contar-lhe aqui a historia talvez não viesse fóra de proposito, mas prometti acabar n'este capitulo, e as suas virtudes, mesmo em abreviatura, deitavam um volume das suas tresentas paginas pelo menos, virtudes de mais para serem apreciadas n'um jornal de tão curtas dimensões.

Saímos da sala para darmos entrada n'uma especie de gabinete de antiguidades. Os objectos de que se compunha eram de pequeno valor intrinseco, mas de altissimas e não desmentidas recordações historicas. N'aquelle gabinete podia-se bem compôr a biographia inteira, e figurada do senhor capitão-mór.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

XVI.

Severidade do governo de Mahamud I: guerras com a Persia, com a Russia, e com a Allemanha; triumphos das armas musulmanas, e tratado de Belgrado: consequencias d'estes successos.

No MESMO dia 16 de outubro de 1730 em que o infeliz Achmet III foi derrubado do throno, os sublevados acclamaram sultão a Mahamud I, filho primogenito de Mustaphá II.

Portanto no espaço de meio seculo tres soberanos haviam perdido o sceptro, victimas das revoluções. Assim pois, se de vez em quando apparecia algum governo energico e illustrado, que se oppunha á torrente dos males publicos, obstando á rapida decadencia do imperio; se a victoria vinha ás vezes, como um auxilio do destino, dourar os annaes da Turquia, e exaltar os brios nacionaes; logo após seguia-se a anarchia a inutilisar todos esses patrioticos esforços, a desvanecer todo o brilho e prestigio da glória, a romper todos os laços sociaes, a impellir, finalmente, com mais força o imperio de Osman na sua marcha decadente.

A revolução que precipitou do throno Achmet III teve por chefes dous simples soldados do corpo dos janisaros. Chamava-se um Muslih, e o outro Patrona Khalil. A extraordinaria audacia e intrepidez d'estes dous homens alcançaram-lhes tal ascendente sobre os rebeldes, que o vencimento da revolta poz nas suas mãos uma influencia directa e absoluta nos negocios do estado. Ambos porém abusaram dentro de pouco tempo do poder, que a revolução lhes confiára. Ambos se fizeram pezados excessivamente ao soberano, a quem dictavam a lei, aos altos funcionarios, a quem de continuo humilhavam, e por fim á tropa e aos populares, a quem escandalisavam com

o seu orgulho e desprezo, esquecidos de que eram estes a origem unica da sua elevação, e o seu unico apoio contra milhares de individuos, que aproveitavam todas as occasiões de lhe minarem o poder.

Este louco comportamento, arredando d'elles a affeição das turbas, deu azo á côrte para se libertar de tão despotica influencia. Entrando um dia no seralho para tomarem parte no divan, segundo costumavam, foram assassinados na propria sala do conselho.

Como a noticia da sua morte fosse recebida friamente pelo exercito e pelo povo, animou-se o governo a entrar em uma politica de repressão, de que abusou tanto ou mais do que os dous chefes revolucionarios haviam abusado do seu poder. Primeiramente foram sacrificados os partidarios de Muslih e de Patrona Kalil, e depois todos os fautores e instigadores do movimento contra Achmet III. As demissões foram sem numero, e as execuções publicas e secretas excederam a quinze mil em toda a superficie do imperio.

Tão grande severidade arvorada em systema de politica originou contínuas reacções na capital e nas provincias, algumas das quaes o governo debellou a custo.

N'estas circumstancias recorreu-se á guerra, meio ordinariamente empregado pelo gabinete ottomano para expurgar o paiz das tendencias revolucionarias, pois que ao mesmo tempo que se dava occupação ao exercito, desviavam-se as atenções da politica.

Romperam as hostilidades contra a Persia. As armas ottomanas alcançaram tão assignalados triumphos, que os persas viram-se obrigados a acceitar as condições de paz, que ao vencedor aprouve impor-lhes. Pelo tratado de 10 de janeiro de 1732, concluido entre estas duas potencias, a Persia cedeu á Turquia uma grande parte das praças e territorio conquistados por esta ultima.

Não foi a paz de longa duração. Em quanto em Constantinopla, e no proprio conselho do sultão, se desapprovava altamente o tratado como menos vantajoso para o imperio, do que o que se podia esperar de circumstancias tão favoraveis; em quanto o grão-vizir, que o negociára, era demittido e desterrado; na Persia um joven ambicioso levantava por bandeira de revolta aquelle mesmo tratado. Tahmas Kouli Khan, pouco antes ennobrecido pelo seu soberano em recompensa de brilhantes feitos de armas, aproveitando-se do descontentamento, que semelhante acto excitara em todo o paiz, reúne forças consideraveis, marcha sobre Teheran, residencia da côrte, constrange o monarcha a abdicar em seu filho Abbas III, ainda menor, assume a regencia, e declara guerra á Porta.

Moço, activo e destemido, creado nos campos de batalha, onde ganhára nome e as sympathias de seus camaradas, Tahmas Kouli Khan era um inimigo terrivel, que se apresentava a disputar o passo aos musulmanos n'um paiz onde estavam affeitos á victoria.

Principiou a campanha sob os melhores auspicios para o guerreiro persa. Os turcos soffreram perdas consideraveis em diversos combates; mas depois correu varia a fortuna para ambos os contendores. Parecia portanto que a lucta se protrahiria por muito tempo, quando sobreveiu nas relações exteriores da Porta um desaccôrdo, que obrigou o sultão, a fim de se achar livre e desembaraçado, a negociar a paz com Tahmas Kouli Khan, que então já havia consummado a usurpação, sentando-se no throno de Abbas III (setembro de 1736).

Vagára pouco tempo antes a corôa da Polonia, e

a eleição do novo rei foi o pomo de discordia lançado no meio das principaes potencias da Europa. A França desejava por todos os modos fazel-a recair em Estanislau Leczynski. A Russia oppunha-se manifestamente a essa pretensão do gabinete de Versalhes, e favorecia com todas as forças outra candidatura accommodada aos seus interesses. A Austria e outras nações esforçavam-se igualmente por obter o triumpho para um candidato da sua escolha.

Questão era esta de muita transcendencia para as differentes nações n'ella empenhadas. O rapido e progressivo engrandecimento da Russia augmentára a valia da alliança polaca. Forte pelo numero, pela dedicacão e coragem de seus habitantes, ennobrecida por longos annos de heroicas façanhas, a Polonia era n'essa epocha uma barreira natural da Europa contra a ambição moscovita, como o fôra em eras anteriores contra as invasões dos tartaros. A alliança d'este povo guerreiro era pois por todos requestada. Por este motivo a eleição de um soberano accendia a discordia no seio da dieta, e d'ahi se estendia a todo o paiz, communicando-se algumas vezes a conflagração a uma grande parte da Europa.

D'esta vez toda essa lucta de influencias contrarias, que se agitava em Varsovia, veiu reflectir na capital do imperio ottomano. Luiz XV, querendo attrahir o sultão aos interesses da França, em opposição aos russianos; a imperatriz Anna da Russia, pretendendo obter a sua neutralidade; o imperador da Allemanha, diligenciando afastal-o da alliança franceza e russiana; a Inglaterra, empregando todos os seus esforços para obstar a um rompimento entre a Russia e a Turquia; todas estas influencias oppostas, guerreando-se aberta e occultamente, lançaram o gabinete ottomano nos maiores embaraços e perplexidades.

A noticia da invasão da Polonia pelas tropas moscovitas veiu tirar Mahamud I das duvidas e hesitações, que o cercavam. No divan julgou-se a guerra indispensavel para impedir, que fosse por diante semelhante intervenção. Em quanto porém a Inglaterra, auxiliada pela Hollanda, fazia novas tentativas para evitar a lucta; o exercito russo dava começo ás hostilidades, pondo cêrco á praça de Azof (março de 1736).

Seguiu-se então a declaração official da guerra por parte da Turquia á Russia, ao mesmo tempo que a primeira ajustava a paz com a Persia.

As vantagens alcançadas pelos russos, commandados pelo celebre feld-marechal Munich, fizeram desejada a paz nos conselhos do sultão. A Austria, a França, e a Suecia offereceram-se por medianeiras, e chegou a reunir-se um congresso em Niemirow; mas durante as conferencias celebraram a Russia e Austria um tratado de alliança offensiva e defensiva contra a Turquia. Dissolveu-se por conseguinte o congresso, deixando as cousas como d'antes.

Na primavera seguinte abriu-se novamente a campanha. As primeiras operações collocaram os turcos na mais critica situação possivel. A Criméa era invadida pelo general russo Lascy. Na Moldavia recuavam-as tropas do sultão diante das phalanges victoriosas do feld-marechal Munich. Pela Servia, pela Bosnia, e pela Valachia avançavam tres exercitos allemães.

As victorias alcançadas pelos russianos foram secundadas por uma serie de triumphos obtidos pelas aguias de Allemanha.

Tão continuados desastres lançaram a consternação no paiz. Em Constantinopla chegou o descontentamento ao maior auge, e não tardaria, segundo o costume, a tomar um caracter revolucionario, se não

viesses um accidente favoravel fazer mudar o curso dos acontecimentos. O bom accordo, que reinava entre os tres corpos de exercito allemães, cessou inteiramente. Rebentaram tão serias desintelligencias entre os generaes que os commandavam, que desde esse momento as suas operações não tornaram a ter unidade de pensamentos, antes parecia haver um proposito em se contrariarem e desajudarem reciprocamente.

Em pouco tempo tudo variou de aspecto. A victoria passou-se para as fileiras musulmanas. Os allemães, destroçados em todos os combates, retiravam em desordem, e transpunham precipitadamente as fronteiras.

O effeito moral d'estes triumphos produziu igual metamorphose nas operações contra os russos. O exercito turco tomou a offensiva, e levando de vencida o inimigo em quasi todos os pontos, onde ousou esperar batalha, desalojou-o de todas as posições fortes, que occupava, menos da praça de Azof.

Só então é que o gabinete ottomano annuiu ás reiteradas instancias da França em favor da paz. No fim de tres annos de uma lucta obstinada, assignou-se o tratado de Belgrado, o mais vantajoso e honroso, que a Turquia tem concluido desde o principio da sua decadencia. A Allemanha restituiu Belgrado e todas as mais praças turcas, cuja posse ainda conservava. A Russia obrigou-se a entregar tudo quanto havia conquistado, durante a guerra a que se acabava de pôr termo; e além d'isso compromettia-se a não ter naus de linba no mar Negro, e no mar de Azof, nem marinha mercante, devendo servir-se o seu commercio de navios estrangeiros. A Porta concedeu aos russos em compensação todas as outras vantagens commerciaes, de que gosavam no imperio as nações mais favorecidas; bem como o livre exercicio da sua religião em todo o territorio turco, e a permissão de terem embaixador residente em Constantinopla. Um artigo especial era consagrado ao reconhecimento do titulo de imperatriz na pessoa da czarina Anna, titulo que o sultão se negara sempre a dar-lhe.

Em janeiro seguinte de 1740, por intervenção do embaixador francez, marquez de Villeneuve, fez-se um tratado de alliança entre a Suecia e a Turquia.

N'esse mesmo anno a morte do imperador de Allemanha Carlos VI ateou na Europa uma vasta conflagração. Quasi todas as potencias puzeram em campo os seus exercitos para disputar a sua filha Maria Thereza a successão do throno imperial.

Mahamud I, não só resistiu ás instancias, que lhe foram feitas para o resolverem a entrar na grande liga europea; mas applicou todo o seu esforço e disvelo em dissuadir da guerra as nações belligerantes. Para este fim offereceu-se por medianoiro, e escreveu a todos os soberanos, exhortando-os á paz, vendo inuteis as suas diligencias, conservou até ao cabo de tão porfiosa lucta a mais restricta neutralidade.

O repouso que essa guerra de successão deu á Turquia, foi aproveitado pelo governo ottomano em melhorar a sorte do paiz. E tal foi a influencia moral dos successos, que terminaram no tratado de Belgrado; taes as vantagens da situação politica em que este acto collocou a Turquia, que os quatorze annos, que decorreram até ao fim do reinado de Mahamud, foram para o imperio um periodo de socego e prosperidade, salvos alguns pequenos disturbios promovidos na Arabia por um fanatico, que pretendia reformar o islamismo.

Mahamud I falleceu no dia 13 de dezembro de 1754 em resultado de uma fistula, de que padecia

havia tempo. Contava 58 annos de idade, dos quaes reinou 24.

Não possuia este soberano dote algum eminente do espirito, nem teve nos seus conselhos homens distinctos por illustração ou character, apesar de mudar a miudo de ministros. Se os tivera o paiz recolheria muito maior somma de beneficios da posição precaria em que as armas ottomanas collocaram os seus inimigos nos combates, que precederam o tratado de Belgrado. Entretanto Mahamud I tinha algumas qualidades apreciaveis, que o distinguiram na vida privada. Se o começo do seu reinado foi tempestuoso; se no decurso d'elle muitas difficuldades embarçaram a marcha governativa, e não poucos males affligiram o paiz; se n'esse periodo esteve seriamente ameaçada a existencia do imperio, por outro lado quiz a sua fortuna, que em todas essas occasiões de aperto occorresse sempre alguma eventualidade feliz, que o ajudasse a vencer os obstaculos e a salvar o imperio de todos os perigos. Quiz ainda mais a sua boa estrella, que sem haver no paiz um só general de verdadeiro merecimento, tivesse a gloria de vencer e impor condições onerosas e humilhantes a dous imperios poderosissimos, que já olhavam para a Turquia como para uma facil preza.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

INSTRUCCÃO PUBLICA E DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL NA GRECIA.

Instrucção elementar e escolas primarias.

2.^o *Escolas primarias* (particularmente de meninos). Conhecem-se na Grecia tres especies de escolas primarias, com relação á importancia dos districtos, e aos conhecimentos dos mestres. Nos districtos de primeira ordem devem estabelecer-se, em observancia da lei, escolas primarias de primeira classe. Os mestres d'estas escolas devem ser escolhidos d'entre os que nos exames finaes da escola normal hajam obtido o numero 1.^o Têm a denominação de *mestres de nomarchia*, e vencem o ordenado mensal de 100 drachmas. Nos districtos de segunda ordem deve haver escolas primarias de segunda classe, dirigidas por mestres que no exame da normal hajam obtido o numero 2.^o Distinguem-se com o nome de *mestres de eparchia*, e gosam do ordenado de 80 a 90 drachmas, segundo a tarifa proporcional. Finalmente os districtos de terceira ordem devem ter escolas da mesma ordem com mestres tambem de terceira classe, os quaes vencem 50 drachmas por mez. Considerada a escacez de recursos financeiros que possui a Grecia, assombra ver os ordenados com que retribue os mestres; ordenados muito maiores de que os que se dão em França.

Além d'estes ordenados fixos, os mestres de terceira classe recebem uma gratificação, e dos meninos, que não são pobres, têm direito a haver de 10 a 50 *leptas* por mez (1). No fim do anno de 1839 contavam-se em todo o reino duzentas e vinte cinco escolas primarias, frequentadas por vinte mil quinhentos e seis meninos; porém já no anno de 1840 se tinham estabelecido vinte e sete escolas

(1) A *lepta* é aproximadamente a centessima parte da drachma.

novas, a que concorriam mil e quinhentos discipulos; de modo que em fins de 1842 se contavam na Grecia duzentas e cincoenta e duas escolas primarias, onde se instruiam mais de vinte e dous mil meninos. N'estas duzentas e cincoenta e duas escolas, entre as quaes ha vinte e oito destinadas á educação de meninas, só se pagam exclusivamente pelo thesouro publico os ordenados de vinte e sete mestres; os cento e vinte oito restantes recebem pelos fundos municipaes.

Na ilha de Tinos sustentam-se sete escolas com os fundos da igreja da Annunciação; e finalmente vinte e sete escolas primarias são mantidas por pessoas caritativas e sociedades de beneficencia. Além dos meios que o governo concede para as despesas da escola normal primaria, com o pagamento de pensões e meias pensões a quarenta alumnos d'esta escola, e para o pagamento de sessenta e sete mestres e mestras das escolas primarias, verba que custa annualmente ao thesouro publico 102:660 drachmas, o mesmo governo tem soccorrido as outras escolas primarias, que não são pagas pelo erario, distribuindo-lhes gratuitamente os livros mais indispensaveis publicados pelo estado.

Em todas as escolas se ensina a ler e escrever; arithmetica; historia sagrada; o cathecismo e calligraphia. Nas escolas de primeira classe, e em grande parte das de segunda, se ensina tambem o desenho; a historia da Grecia; geometria; elementos de moral, os principios mais simples e praticos da physica e da historia natural; os elementos de grammatica; o exercicio do pensamento e da palavra; e em algumas outras a musica, e a gymnastica.

N'estas escolas não se segue exclusivamente nem o methodo lancasteriano, nem qualquer outro methodo systematico; pelo contrario, n'este ponto se procede de uma maneira inteiramente eclectica; emprega-se o methodo de ensino mutuo para a leitura, para a escripta e para a arithmetica; e se applica a outros objectos o ensino simultaneo, sem se deixar nunca de applicar com preferencia a cada ensino em particular, o que em cada systema é digno de imitação, e merece ser preferido.

Além d'estas escolas primarias, existem bastantes mestres espalhados por todo o reino, e inteiramente independentes do governo, os quaes não receberam diploma de professores publicos; mas cujos estabelecimentos são tolerados. Dez mil meninos aprendem a ler e escrever com estes mestres, de sorte que no fim do anno de 1840, n'uma povoação de cerca de novecentas mil almas, trinta e dous mil meninos recebiam o beneficio da instrucção elemental.

Esta especie de instrucção está mais generalizada nas ilhas da Grecia, que nas outras duas subdivisões do reino, isto é, no Peloponeso e Grecia continental. D'esta arte succede, que não obstante conter o Peloponeso mais da metade da população, o numero de meninos que frequentam as escolas primarias não passa do terço da somma total dos meninos que recebem a instrucção elemental em todo o reino. É todavia no continente esta proporção mais sensivel ainda; pois exceptuando Athenas e o seu porto, se observa que n'esta grande extensão de territorio a proporção não passa de um quarto. Podem-se distribuir pelo seguinte modo os trinta e dous mil meninos supramencionados:

Peloponeso	11:000
Grecia continental	8:000
Ilhas	13:000

Este numero manifesta que a instrucção primaria está muito mais adiantada nas ilhas que nos outros pontos, e isto provém em parte de ter esta parte do reino soffrido muito pouco na ultima guerra comparativamente com o Peloponeso e a Grecia continental.

Escolas de meninas. — Sociedade philepedeutica.

Antes da revolução não existiam escolas para meninas. No seio da familia era que as pessoas ricas adquiriam uma instrucção proporcionada á posição social de seus paes. Em 1828 os missionarios americanos fundaram as primeiras escolas para meninas na cidade de Athenas, e em outras localidades, ainda então sujeitas á dominação turca. Installado o governo monarchico sentiu-se a necessidade de habilitar mestras; consequentemente pelo anno de 1834, immediatamente depois da organização da escola normal primaria, o governo creou em Athenas, servindo-se do estabelecimento de mistris Kill, doze pensões para a instrucção de jovens destinadas a desempenhar depois as funcções de mestras; convidando ao mesmo uma senhora chamada Hellena Pitadakis, que acabava de concluir os seus estudos no referido collegio de mistriss Hill, a acceitar a direcção de uma *escola normal de meninas* fundada em Nauplia á custa do estado. O governo auxiliou tambem outro estabelecimento creado na mesma cidade, para a instrucção superior das meninas, por madame Volmerange; creou tambem n'este collegio pensões para a educação gratuita; de certo numero de discipulas. Finalmente, trasladada para Athenas esta instituição, e em razão da ausencia de madame Volmerange, confiou-se a sua direcção a Hellena Pitadakis; tomando o governo inteiramente a seu cargo a sua administração e sustentação. Puzeram-se depois estes collegios sob a inspecção superior do director da escola normal; e á medida que cada alumna ía terminando os seus estudos, e obtinha favoravel qualificação no exame que se requeria, propunha o director ao governo o estabelecimento d'uma escola de meninas n'um dos districtos do reino, dirigida pela joven mestra que tinha sido examinada. Eis como se estabeleceram na Grecia as escolas de meninas que hoje existem. Esta parte da instrucção publica reclama porém maiores cuidados, e sente-se cada vez mais a falta de um regulamento geral.

N'este estado de cousas o director actual da escola normal primaria, o sr. Kokkonis, teve a feliz idéa de fundar uma sociedade destinada a promover a instrucção elemental, em geral, e particularmente a educação das meninas. Propunha-se como objecto principal, suppondo que se pudessem reunir subscrições sufficientes, crear uma especie de escola preparatoria destinada a formar mestras, aggregando a este estabelecimento uma escola pratica de ensino.

(Continúa.)

I.

BIBLIOGRAPHIA.

Estudo moral e politico sobre os Lusíadas, por José Silvestre Ribeiro. 1 vol. em 8.º francez, de 250 paginas. Edição mui nítida da Imprensa Nacional de Lisboa.

Recommendamos a leitura d'este opusculo, que se acha já á venda na livraria do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8. Preço 600 réis.